



Livro-reportagem maranhense: um estudo a partir do uso do Mapa da Mediações¹

Leticia Conceição Martins CARDOSO²

João Marcos dos Santos SILVA³

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz (MA)

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar o protocolo teórico-metodológico a partir de nossa pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM-UFMA), que tem como base as quatro obras publicadas pela jornalista e escritora maranhense Andréa Oliveira, tendo como ponto de partida o processo de produção dessas obras, seus sentidos e contexto. Para realizar a análise cultural proposta, aplicaremos o Mapa das Mediações de Martín-Barbero (2018) será usado para analisar os atravessamentos culturais, lógicas de produção e outros elementos que perpassam o livro-reportagem como produto da comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Análise Cultural; Livro-reportagem; Mediações.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo traça um caminho metodológico de uma análise cultural a partir da leitura dos livros *Maria Firmina, a menina abolicionista* (2022), *João, o menino cantador* (2017), *Nome aos bois – tragédia e comédia no bumba meu boi do Maranhão* (2003) e *João do Vale, mais coragem do que homem* (1998) da escritora maranhense Andréa Oliveira, visando entender como essas obras amadurecem a reportagem de fôlego que é produzida no Maranhão, além de conceituar as suas características, rotinas produtivas e forças que influenciam na produção dessas obras. Assim, o Mapa das Mediações de Jesus Matín-Barbero (2018) oferece ferramentas de análise, incluindo os atravessamentos teóricos, mercadológicos e principalmente culturais em âmbito estadual que moldam a prática e a existência de produtos jornalísticos.

¹Trabalho apresentado no 18º SIMCOM - 18º Simpósio de Comunicação da Região Tocantina.

²Professora Doutora do PPGCOM/UFMA-Imperatriz e do Departamento de Comunicação Social/UFMA, orientadora do trabalho. E-mail: leticia.cardoso@ufma.br

³Jornalista e Mestrando em Comunicação Social pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz, bolsista FAPEMA, e-mail: joaomarcos.santos2010@gmail.com



Lima (2009, p. 26), entende o livro-reportagem como uma reportagem ampliada, com abordagens mais precisas, repletas de desdobramentos que não são costumeiros nos periódicos tradicionais, devido às características mais instantâneas da cobertura diária. O jornalista nesse meio é essencial para o entendimento do fenômeno. Vidal e Souza (2010), afirma que o repórter é um agente mediador de realidades sociais diversas. Tem o papel de registrar a nacionalidade, busca entender o outro e aproximar o leitor de realidades distintas.

Diante disso, a jornalista Andréa Oliveira é um expoente da literatura maranhense. Natural de São Luís, capital do estado do Maranhão, ela se aventura pelo gênero de livro-reportagem desde a sua graduação, quando escreveu a biografia *João do Vale, mais coragem que homem* (EDUFMA, 1998). A reportagem se debruça sobre a vida de João do Vale, cantor e compositor maranhense que teve projeção no cenário cultural brasileiro. Em 2017, com apoio do Sesc, publicou *João, o menino cantador* (Pitomba!), uma adaptação para o público infantil. Partindo para o campo da reportagem mais ampla, publicou *Nome aos bois – tragédia e comédia no bumba meu boi do Maranhão* (Clara, 2003), que fala sobre a trajetória dessa manifestação popular e estabelece um paralelo com alguns elementos do teatro grego. Mais recentemente, lançou a biografia da autora do primeiro romance abolicionista da literatura brasileira, *Maria Firmina, a menina abolicionista* (VentoLeste, 2022), com linguagem adaptada para o público infantil.

Andréa Oliveira é especializada em jornalismo cultural (PUC-SP), já trabalhou em jornais impressos em sua cidade natal e em São Paulo, nos periódicos *O Estado do Maranhão*, *Jornal da Tarde* e revista *Época SP*. Possui textos publicados na coletânea *São Luís em Palavras* (Aquarela Brasileira, 2017), *Maranhão Reportagem* (2003) e *As Melhores Crônicas de Claraonline* (2005). Ela também coordena e apresenta o programa de entrevistas *Palavra Acesa*.

Para se obter os resultados desejados durante a pesquisa, foi aplicado o caminho metodológico do Mapa das Mediações, de Jesus Martín-Barbero (2018), no qual é possível investigar os meios e as medições presentes na obra. O mapa é centrado em Comunicação, Cultura e Política, porém articula as seguintes instâncias da comunicação: Lógicas de Produção, Formatos Industriais, Competências de Recepção (Consumo),



Matrizes Culturais, Institucionalidade, Tecnicidade, Ritualidade e Socialidade. Para o autor, o mapa tem como objetivo reconhecer que “os meios constituem hoje espaços-chave de condensação e intersecção de múltiplas redes de poder e de produção cultural” (MARTÍN-BARBERO, 2018, p.19).

Visamos aprofundar nossos conhecimentos sobre o processo de construção do livro-reportagem e seus impactos a partir de temáticas regionais, sendo este um novo desdobramento da pesquisa em que desenvolveu, durante a sua graduação, no grupo de pesquisa Jornalismo de Fôlego. Orientado pelo professor doutor Alexandre Zarate Maciel, entre os anos de 2018 e 2020, como bolsista voluntário PIBIC-UFMA, mapeamos os livros-reportagem do Nordeste e seus autores, no projeto *Jornalistas-escritores de livros-reportagem no Nordeste: perfis profissionais, obras e rotinas produtivas*. A partir dos dados coletados, foram identificadas as cinco obras produzidas no estado do Maranhão, uma delas sendo da jornalista Andréa Oliveira, que é foco deste artigo.

2 LIVRO-REPORTAGEM COMO PONTO DE PARTIDA

O livro-reportagem nasce da curiosidade e inquietações do jornalista, que procura entender um fato, um acontecimento ou uma pessoa que de alguma forma impactou a sua vida ou a sociedade. A partir desse anseio por aquilo que não foi dito no noticiário, como conceitua Lima (2009, p. 7), o livro-reportagem tem esse caráter atemporal em sua forma, oferece uma ótica abrangente e procura abarcar a complexidade dos fenômenos contemporâneos.

Gaye Tuchman (1983, p. 221) diria que a notícia é um relato verídico que usa os meios de informação para ser legitimada, que por si só é uma instituição social. E o fôlego do livro-reportagem nasce justamente daquele que ainda pode ser explorado na notícia e expandindo aquilo que já se fazia nas primeiras reportagens brasileiras. Vidal e Souza (2010, p. 10) categoriza a grande reportagem como sendo um texto que conta o que, com quem, e muito além, já que, no espaço de muitas páginas, no caso do livro-reportagem, é permitido debater análises e impressões mais profundas e multiangulares do fato ocorrido.

Diante disso, surge a necessidade de se entender as características de uma reportagem no formato de livro que tem um caráter regional, quais são os seus símbolos



e temáticas. Lima (2009, p.373) destaca que a imersão na realidade é essencial para a compreensão do todo que se quer escrever. Sentir, ouvir, viver a experiência, tudo isso faz com que o repórter envolvido na pauta transmita isso para o livro-reportagem com uma força dramática. Maciel (2018, p. 64) pondera que o jornalista-autor precisa fazer um esforço de interpretação para compreender um período ou alguém que não conheceu e visões de mundo por vezes conflitantes, diferentes da sua.

A biografia, por sua vez, possui certas peculiaridades que podem ser destacadas e iluminar a análise das obras que compõem o *corpus* desta pesquisa. Para Vilas Boas (2006, p. 134), um biógrafo sabe que existe uma lógica de desejos individuais e ambiguidades que tornam o personagem biografado humano, passível de entregar apenas uma de suas faces para o jornalista, no caso do personagem vivo e até percepções equivocadas de quem já morreu.

É interessante saber, que nesta perspectiva, os jornalistas-biógrafos, como o autor destaca, “não tecem a ou uma verdade sobre alguém. Eles tecem percepções (racionais e sensoriais) sobre alguém. Os biografados estão ou estiveram ali, antes de qualquer reconstrução que se possa fazer deles” (Vilas Boas, 2006, p. 138), por isso o estudo de biografias é intrigante, até mesmo no seu aspecto de adaptação para um público mais jovem, como o premiado *1808* de Laurentino Gomes, o que se tornou uma experiência mais recente desse campo de produção.

Este cenário, no entanto, não é favorável para as mulheres. Apesar de o mercado possuir grandes nomes como Daniela Arbex e Fabiana Moraes, as mulheres biógrafas ainda são minoria. Felipe Adam (2024) destacou que de uma amostragem de 582 escritores, 424 (73%) são homens, em detrimento das mulheres, que contabilizam apenas 158 (27%), ou seja: entre dez biografias já publicadas no Brasil, apenas três são mulheres.

Entender, por sua vez, a perspectiva de gênero que atravessa a produção do livro reportagem e a presença feminina como um todo na Comunicação é um desafio. Escosteguy (2020) pontua que os primeiros estudos sobre gênero remontam ainda aos anos 1970, que mesmo de forma tímida, já apontava para a atenção à representação da mulher na mídia, como consequência, no âmbito da Comunicação. Para ela, é preciso



expandir os estudos, para que seja feita uma análise cultural nas nuances que permeiam o cenário político e cultural brasileiro.

Sendo assim, é necessário entender esses fenômenos como algo presente no jornalismo brasileiro e ter um olhar atento a essa produção. Visto que existe um esforço em fazer algo com camadas, de impacto e de caráter atemporal, como se propõe a ser o livro-reportagem. Além de que quem escreve, como afirma Maciel (2018, p.195), precisa ser constante em desenvolver formas de o livro-reportagem ser atraente, didático, plural, contextualizado, verdadeiro e consistente.

3 ESTUDOS CULTURAIS: UM BREVE HISTÓRICO

Para se alinhar a uma perspectiva de um entendimento completo sobre a cultura e principalmente sobre os seus atravessamentos em objetos da Comunicação, os Estudos Culturais possuem um aporte teórico e de pensamento que no princípio se propôs a ser um contraponto da ideia elitista e conservadora de cultura. Vale salientar que a Revolução Industrial deixou marcas profundas na classe trabalhadora e para isso foi necessário “compreender a cultura na sua "autonomia relativa", isto é, ela não é dependente das relações econômicas, nem seu reflexo, mas tem influência e sofre consequências das relações político-econômicas” (ESCOSTEGUY, 2001, p.4).

Neste cenário, nos anos de 1960, os Estudos Culturais nascem no Center for Contemporary Cultural Studies (CCCS), na Universidade de Birmingham, Inglaterra. Alinhado à visão de Karl Marx, que acreditava na existência de uma base e superestrutura que regia as relações sociais e de produção. Tal superestrutura é a dimensão ideológica, instituições políticas e religiosas, já a base é o centro da vida social, o que forma a superestrutura. E assim, pensando a cultura como essa autonomia relativa, entende-se que “a cultura envolve poder, é um local de diferenças e lutas sociais, e seria reducionista pensar que ela é simplesmente determinada pela base econômica de uma sociedade” (FRANÇA; SIMÕES, 2016, p.150). O capital influencia, mas não é o determinante da cultura.

A definição de cultura, por sua vez, fica em um sentido mais amplo, não sendo apenas um mero produto. “A cultura diz respeito a toda produção de sentido que emerge



das práticas vividas dos sujeitos” (FRANÇA; SIMÕES, 2016, p.148) e a partir disso ter o sujeito como um elemento importante na perpetuação e disseminação de suas próprias práticas culturais. Para os Estudos Culturais Ingleses, nesse início, houveram três autores que cooperaram para a solidificação deste pensamento, que são Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward P. Thompson

Enquanto Hoggart observa a classe trabalhadora com suas peculiaridades, Williams vê a cultura por um ângulo mais profundo, sendo este a englobando os modos de ser, viver, sentir e o que se funde ao pensamento de Thompson, ao focar na vida cotidiana dos trabalhadores, mas “resistia ao entendimento de cultura enquanto uma forma de vida global. Em vez disso, preferia entendê-la enquanto um enfrentamento entre modos de vida diferentes” (ESCOSTEGUY, 2001, p.2).

A tentativa era de ser um viés de pensamento que ia na direção contrária do conservadorismo cultural e acadêmico, uma ideia “contra-hegemônica”, visto que “a cultura, nessa perspectiva, é vista como terreno de luta e negociação entre grupos - e não simplesmente de dominação e imposição de significados por parte do grupo dominante” (FRANÇA; SIMÕES, 2016, p.151). O termo hegemonia foi trabalhado por Antonio Gramsci, que se propunha a pensar que a sociedade é controlada, seja na sua visão de mundo, costumes, moral, exercida por uma classe dominante.

Este modelo de pensamento, por sua vez, não esteve livre de críticas. Os Estudos Culturais praticados em terras inglesas não comportavam todas as diferenças, práticas e sentidos múltiplos da cultura, principalmente quando voltado para outras realidades mundo a fora, por isso os estudos “devem ser vistos tanto do ponto de vista político, na tentativa de constituição de um projeto político, quanto do ponto de vista teórico, isto é, com a intenção de construir um novo campo de estudos” (ESCOSTEGUY, 2001, p.5) e por muitos visto mais como algo político e não tão puramente analítico.

A mudança desse paradigma teve o seu início com a chegada do pesquisador jamaicano Stuart Hall, que foi diretor do CCCS em meados dos anos 1970. Para ele, a cultura se manifesta por meio da linguagem, dos signos, imagens e sentidos compartilhados. Existe um jogo de representação envolvido, no qual “pertencer a uma cultura é pertencer, grosso modo, ao mesmo universo conceitual e linguístico” (HALL,



2016, p. 45). Este autor somava aos Estudos Culturais ao trazer a perspectiva de como o racismo permeia a cultura e principalmente como as imagens têm um fator de importância ideológica.

Com esse olhar, via-se os estudos do que eram consideradas subculturas, uma forma de resistência. Este caminho corroborou para a entrada conceitos feministas nas análises, sobretudo nos anos de 1980 e 1990. O avanço corroborou para que as pesquisas passassem a enfatizar “a questão das identidades, das subjetividades e das leituras que os sujeitos fazem sobre os produtos culturais, evidenciando, assim, a produção ordinária de significados” (FRANÇA; SIMÕES, 2016, p.153).

Nesse momento, ao pensar, por exemplo, a realidade da América Latina, se fez necessário um esforço conceitual que comportasse a riqueza cultural do sul global e para isso, Jesús Martín-Barbero (1937-2021) se configura como um dos importantes teóricos dos Estudos Culturais Latino-Americanos, entendimento esse que traça um caminho para a compreensão da proposta de trabalho desta pesquisa.

5 JESÚS MARTÍN-BARBERO E AS MEDIAÇÕES

Os Estudos Culturais Latino-Americanos que nasceram entre os anos 1930 e 1940 tinham, dentre outras questões, um forte embate contra o imperialismo cultural que os Estados Unidos exerciam sobre os países latinos, a defesa de uma comunicação com caráter horizontal, ou seja, feita, produzida e comunicada para o povo e por fim, o entendimento das mediações que “significou um resgate das tradições culturais populares em nosso continente, no diálogo complexo que elas estabeleceram com a cultura midiática e as novas tecnologias” (FRANÇA; SIMÕES, 2016, p.179).

Um novo espaço requer um novo pensamento. Jesús Martín-Barbero, nascido na Espanha e naturalizado na Colômbia, contribuiu de forma expressiva para pensar a América Latina um espaço de florescimento de riqueza cultural. Os Estudos Culturais Latino-Americanos têm sua diferença nesse sentido, pois se “propõe pensar a comunicação em outro enquadramento, em sua vinculação com a cultura cotidiana, e assim, para além dos meios de comunicação de massa” (CARDOSO, 2018, p.4). O mundo



real, as vivências, o movimento dos sujeitos na cultura são parte integral deste novo pensamento.

De caráter transdisciplinar, Martín-Barbero teorizou sobre as Mediações Socioculturais, segundo o qual “a mediação constitui uma *perspectiva teórica compreensiva* tanto dos processos de produção, do produto, como da recepção” (LOPES, 2018, p.15) e que, em suas próprias palavras, “a comunicação se torna uma questão de cultura, que exige rever todo o processo de mediação de massa a partir da recepção, do reconhecimento e da apropriação” (MARTÍN-BARBERO, 2018, p.9).

Nesta nova forma de pensar, o sujeito já não é descartado, mas sim faz parte da produção de sentido da cultura. Além de ser do âmbito acadêmico, entender as mediações é um movimento político. Apesar do poder da lógica de mercado existir sobre a sociedade, este não tem a capacidade de criar o que ele nomeou de “vínculos sociais” e nem de “sedimentar tradições”, portanto, “a comunicação e a cultura constituem hoje um campo primordial de batalha política: o estratégico cenário que exige que a política recupere sua dimensão simbólica [...] para enfrentar a erosão da ordem coletiva” (MARTÍN-BARBERO, 2018, p.15).

O autor colombiano, por sua vez, organizou esses novos parâmetros de estudo a partir de mapas, que apontam medições que atravessam a cultura, a comunicação e também a política. Seu primeiro modelo de Mapa das Mediações, de 1987, se propunha a um estudo em dois níveis, “um cobre o novo tecido epistêmico e político que se descortinava no final dos anos 1970 [...] e outro traça as linhas emergentes de uma investigação que começou a inserir os estudos de comunicação no campo dos estudos da cultura” (MARTÍN-BARBERO, 2018, p.22).

O segundo mapa, de 1998, avança, e traz mais quatro mediações entre as já propostas anteriormente, que são Institucionalidade, Socialidade, Tecnicidade e Ritualidade. “O mapa agora tem por objetivo o estudo da cultura a partir da comunicação, deslocando o estudo das *mediações culturais da comunicação* para o das *mediações comunicativas da cultura*” (LOPES, 2018, p.17) e dessa forma é possível observar a produção e o consumo de qualquer artefato que envolva a comunicação. Já o terceiro mapa, de 2010, se vincula mais com as lógicas da vida moderna, tecnologia e espaço



virtual. Nele, Martín-Barbero fez substituições profundas em suas categorias, como Matrizes Culturais para Mobilidade, por exemplo. No entanto, para o projeto aqui especificado, será adotado a segunda versão do Mapa das Mediações.

Assim, as contribuições de Martín-Barbero para o campo se tornam interessantes, principalmente ao se pensar, juntamente com outros autores latinos, a cultura popular, sendo necessário um resgate dessas tradições, visto que, segundo ele, “estamos diante de um progresso vazio cuja realidade é confundida com a aparência da mudança produzida por imagens” (MARTÍN-BARBERO, 2018, p.25) e esse esforço contra o apagamento do passado, dos aspectos mais únicos da cultura, estudos em comunicação das mediações é sem dúvidas uma prática política.

6 LIVRO-REPORTAGEM A PARTIR DAS MEDIAÇÕES

Durante os dois anos de pesquisa, propõe-se analisar os quatro livros-reportagem da escritora maranhense Andréa Oliveira, sendo estes: *Maria Firmina, a menina abolicionista* (2022), *João, o menino cantador* (2017), *Nome aos bois – tragédia e comédia no bumba meu boi do Maranhão* (2003) e *João do Vale, mais coragem do que homem* (1998), para entender as singularidades da produção regional, abarcando suas características, abordagens e importância para a consolidação de uma memória da cultura maranhense, além de trazer a escritora como sujeito para o entendimento dos atravessamentos que suas obras estão sujeitas.

As obras escolhidas são livros-reportagens, mas de formatos distintos. Há um livro de caráter mais documental, que propõe uma reflexão, quase em ensaio jornalístico, sobre a prática cultural do Bumba Meu Boi do Maranhão, outras três são biografias, sendo duas dedicadas ao público infantil, o que permite detectar suas características de linguagem direcionada. Por todos serem produtos jornalísticos de fôlego, existe uma unidade de amostragem das obras selecionadas, o que estabelece uma relação de sentido.

A pesquisa tem como uma das ferramentas metodológicas a Análise Cultural, que de acordo com Moraes (2016) é um *método de procedimentos* visto o seu caráter mais restrito de observar os fatos sociais, pois tendo em vista “que a *análise cultural* tem sua gênese no *método materialismo cultural*” (MORAES, 2016, p.30), é possível observar a



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

cultura dentro de seu contexto e não de forma diluída, universal. Para Lakatos e Marconi (2003), é um método menos abstrato e se “pressupõem uma atitude concreta em relação ao fenômeno e estão limitados a um domínio particular”, ou seja, dessa forma o objeto pode ser analisado em um recorte específico e original para se obter resultados satisfatórios para a pesquisa.

A Análise Cultural nasce dos Estudos Culturais, que tem como objetivo “pensar sobre as relações entre cultura e sociedade, rompendo com uma visão elitista e conservadora de cultura” (SIMÕES; FRANÇA, 2016, p. 145), visto que a cultura vem de toda produção de sentido vividas pelos indivíduos.

Adotando esta perspectiva, se faz necessário ter um olhar diferenciado para o estudo, visto que o contexto, como o estado do Maranhão, se faz em um recorte latino-americano, no qual outra visão de mundo e sentidos precisam ser analisados de forma único. Assim, ao se tratar de Estudos Culturais Latino-Americanos, que possuem um enquadramento diferente, com foco na vida cotidiana (Cardoso, 2018), o Mapa das Mediações de Jesús Matín-Barbero (2018), na sua segunda versão, de 1998, traz que o campo das medições “é constituído pelos dispositivos através dos quais a hegemonia transforma por dentro o sentido do trabalho e da vida da comunidade” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.262). Este é o observar as interações entre espaço de produção e recepção e como isso se configura no mundo vivido, dos sentidos.

O Mapa das Medições é configurado em categorias das quais é possível observar, de forma completa, a complexa rede que envolve os produtos da comunicação analisados, não apenas na sua materialidade ou linguagem, mas sim vendo a cultura a partir da comunicação, pois “a comunicação se torna uma questão de cultura” (MARTÍN-BARBERO, 2018, p.9) e “por meio deste mapa, é possível operacionalizar a análise de qualquer fenômeno social que relaciona comunicação, cultura e política” (LOPES, 2018, p.17).

O trabalho seguirá a lógica de investigação apresentada por Martín-Barbero, tendo como centro do mapa a Comunicação, Cultura e Política, que é de onde fluem os produtos, os sentidos e mediações, assim como está ilustrado abaixo:



Fonte: LOPES (2018)

Para cada categoria elencada no mapa, existem critérios de análise. Ao falar sobre Matrizes Culturais, que “são marcas ideológicas que constituem a identidade dos grupos e dos campos sociais” (CARDOSO, 2018, p.7), e que para alcançar os objetivos deste estudo, haverá um olhar sob a cultura maranhense, em seus aspectos ligados à literatura, letramento e identidade cultural onde estão inseridos os livros-reportagem de Andréa Oliveira. Seguindo assim para as Lógicas de Produção, para Martín-Barbero (2018), se dá em três dimensões, sendo estas a estrutura empresarial, competência comunicativa e competitividade tecnológica. Nesses critérios, se faz necessário, para a pesquisa desenvolvida, olhar para o mercado editorial maranhense, como é feita essa distribuição das obras, prêmios literários e o que determina a sua materialização como produto em um sentido econômico.

Ainda ancorado neste pensamento, existe a instância chamada de Formatos Industriais. Neste momento a atenção se volta para a materialidade da obra, o livro-reportagem em seu formato, usos do texto, o movimento da autora em relação às suas obras, a forma como ela faz ou não leituras públicas, as palestras e qualquer outra ação neste sentido. São os “contratos de comunicação e estratégias de interação, que pressupõem a competência narrativa de emissores e destinatários” (CARDOSO, 2018, p.9).



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

Por fim, as Competências de Recepção ou Consumo, direciona a pesquisa para entender como o público, aqui não mais considerado apenas uma massa, mas sim sujeito, participa da construção de sentido das obras. Cabe observar o perfil do público leitor, tiragens das obras e como os leitores, em sua subjetividade, apreendem a obra. Visto que a mediação reconfigura a lógica de produção e de usos, vale destacar que ela “exige pensar ao mesmo tempo o espaço da produção, assim como o tempo do consumo, ambos articulados pela vida cotidiana [...] e discursivos das mídias envolvidas” (LOPES, 2018, p.17).

No entanto, para a totalidade da análise, mais quatro esferas do mapa devem ser exploradas. Uma delas é a Socialidade, que entendida como os “modos e usos coletivos de comunicação, [...] interpelação/constituição dos atores sociais e de suas relações (hegemonia/contra-hegemonia) com o poder” (MARTÍN-BARBERO, 2018, p.17), cabe como ponto de partida observar, a partir das entrevistas com a autora Andréa Oliveira, conhecer sua trajetória, por onde ela se enveredou para alcançar a publicação de suas obras. E ligado a isto, a mediação da Institucionalidade se faz necessária para entender como o meio artístico na qual Andréa está inserida, o a dimensão política que a encobre, a mídia e os órgãos públicos, tiveram ou não fator determinante para a sua carreira tanto como jornalista quanto como escritora. Tendo isso em vista que “a partir da *institucionalidade*, a comunicação se converte em questão de meios, isto é, de produção de discursos públicos cuja hegemonia se encontra hoje paradoxalmente do lado dos interesses privados” (MARTÍN-BARBERO, 2018, p.17).

No quesito Técnica serão analisadas as técnicas que Andréa usou na concepção de sua obra, além de sua rotina produtiva, apontamentos que fazem parte do universo de sua relação entre jornalista e escritora, com suas similaridades e diferenças, até de possíveis contradições. Martín-Barbero (2018) aponta para essa instância afirmando que ela se configura como o restabelecimento de sentido do discurso e da práxis política. E para concluir o mapa, a Ritualidade se faz presente para entender o processo pelo qual as obras aqui analisadas chegam ao consumidor e é apropriado por eles, pois está é o “nexo simbólico que sustenta toda comunicação: à sua ancoragem na memória, aos seus ritmos e formas, seus cenários de interação e repetição” (MARTÍN-BARBERO, 2018, p.18).



Este método, para Martín-Barbero, se configura como um Mapa Noturno, no qual, diferente da lógica generalista de Raymond Williams, é necessário que se mude de “lugar” de onde as perguntas são feitas, deste modo ter o entendimento das mediações e sentidos que permeiam qualquer que seja o objeto estudado. É “um mapa que sirva para questionar as mesmas coisas – dominação, produção e trabalho – mas a partir do outro lado: as brechas, o consumo e o prazer” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.288).

Para complementar essa abordagem metodológica, os estudos feitos pelo pesquisador Stuart Hall (2016), fornece à pesquisa uma visão no âmbito de como a representação e da linguagem. No caso deste projeto de pesquisa, a busca de um entendimento de como a cultura popular maranhense se apresenta nos livros da jornalista Andréa Oliveira. Visto que a “representação é a produção do sentido pela linguagem” (HALL, 2016, p. 53).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro-reportagem, como um produto da Comunicação, possui especificidades com potencial para diversas análises, seja no seu conteúdo, forma, gênero literário, e ao observar como ele está inserido dentro de uma cultura que pressupõe contexto, vivência e agentes ativos para o seu surgimento, demonstra a importância que este possui para os estudos sobre o jornalismo de fôlego, sobretudo em uma realidade regional. Tal apontamento contribui para o fortalecimento de uma visão decolonial da Comunicação, visto que, alinhado os estudos de Jesus Martín-Barbero, é possível enxergar novos métodos e abordagens que apontem para um estudo regional que contemple as suas especificidades.

Este artigo contempla a parte inicial de uma pesquisa desenvolvida no PPGCOM-UFMA, campus Imperatriz, destacando a revisão bibliográfica sobre o tema e aplicando a análise cultura a partir dos Mapa das Mediações, mostrando que é viável estudar o livro-reportagem maranhense levando em conta todo o processo, desde a ideia até a recepção, não deixando de lado a figura do jornalista-autor(a), no caso deste estudo a escritora Andréa Oliveira.



Por fim, observar o Maranhão a partir do livro-reportagem, compreendendo o processo e construção e as diferentes faces que o jornalista apresenta quando se faz escritor, tem como objetivo cooperar com os estudos já existentes no programa de mestrado da Universidade Federal do Maranhão na linha de pesquisa Rotinas, Práticas Profissionais e Processos Sociopolíticos.

REFERÊNCIAS

ADAM, F. **Quando as jornalistas assumem o protagonismo: memória do gênero biográfico brasileiro pela ótica feminina (1990-2020)**. Tese (Doutorado em Comunicação) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/11140> Acesso em: 22 ago. 2024.

BELO, E. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2013.

BETTIO, P. O legado de Jesús Martín-Barbero. **Mescla**, 2021. Disponível em: <https://mescla.cc/2021/06/30/o-legado-de-jesus-martin-barbero/> Acesso em: 26 ago. 2024.

CARDOSO, L. C. M. Olhar Comunicacional Sobre Bumba Meu Boi no Maranhão: Um Protocolo Teórico-Metodológico baseado nas Mediações, 2018. Disponível em: https://30889094-3b19-4587-8aa4-26618c7ae986.filesusr.com/ugd/89de38_23b35b7c6c57495b8f607cc4f1eaba12.pdf Acesso: 20 ago. 2024.

ESCOSTEGUY, A. C. D. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

ESCOSTEGUY, A. C. D. Comunicação e Gênero no Brasil: discutindo a relação, 2020. **Cartografias** Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27643 . Acesso em: 21 ago. 2024.

ESCOSTEGUY, A. C. D. Os Estudos Culturais. **Revista Eco-** Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3363368/mod_resource/content/1/estudos_culturais_a.pdf . Acesso em: 21 ago. 2024.

FRANÇA, V.; SIMÕES, P. **Curso básico de Teorias da Comunicação**. 1. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. (Coleção Biblioteca Universitária).

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

LIMA, E. P.. **Páginas ampliadas: livro-reportagem como extensão do jornalismo**. 4. Ed. São Paulo: Manole, 2009.

LOPES, M. I. V. de. Jesús Martín-Barbero e os mapas essenciais para compreender a comunicação. **Intexto**, Porto Alegre, n. 43, p. 14–23, 2018. DOI: 10.19132/1807-8583201843.14-



23. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/81160>. Acesso em: 14 ago. 2024.

MACIEL, A. Z.. **Narradores do contemporâneo: jornalistas escritores e o livro-reportagem no Brasil**. Recife, 2018. Tese (Doutorado em Comunicação) -Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/29836>. Acesso em: 28 set. 2023.

MACHADO, A. **Jornalista André Oliveira lançará primeira biografia de João do Vale para crianças**. Sesc Maranhão, 2017. Disponível em: <https://www.sescma.com.br/2017/05/23/jornalista-andrea-oliveira-lancara-primeira-biografia-de-joao-do-vale-para-criancas/>. Acesso 28 de set. 2023

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

MARTÍN-BARBERO, J. Dos meios às mediações: 3 introduções. **MATRIZES**, São Paulo, Brasil, v. 12, n. 1, p. 9–31, 2018. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v12i1p9-31. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/145681>. Acesso em: 14 ago. 2024.

MORAES, A. L. C. A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas. **Questões Transversais**, São Leopoldo, Brasil, v. 4, n. 7, 2016.

TUCHMAN, G. **La producción de la noticia: Estudio sobre la construcción de la realidad**. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli S. A., 1983.

VIDAL E SOUZA, C. **Repórteres e reportagens no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

VILAS BOAS, S. **Metabiografia e seis tópicos para aperfeiçoamento do jornalismo biográfico**. 2006. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001570855>. Acesso em: 29 set. 2023.